



Práticas sociais e processos comunitários: narrativa de um universitário.

*André Luiz Chaves Yang **

* Graduando em Psicologia pela Universidade de Sorocaba. Bolsista UNISO/PROBEX – RELETRAN.

E-mail: andrelyang@hotmail.com

O Curso Experimental de Capacitação: Práticas Sociais e Processos comunitários tem como objetivo geral abordar a dimensão política das práticas sociais cotidianas que favoreçam a ampliação da Democracia, dos Direitos Humanos, da Cidadania e da Justiça Social, com grupos e/ou pessoas em contextos social, cultural, psíquico, educacional e/ou ambiental com precários acessos aos direitos e bens públicos. Como objetivo específico oferecer a estudantes de nível superior, profissionais de ONGs e ativistas de movimentos sociais atuando em Sorocaba e região, possibilidades de reflexão teórica de conceitos, representações e análise de práticas de reconhecido impacto social.

Esta narrativa foi construída a partir de minhas experiências no desenvolvimento do Curso como bolsista do Programa de Bolsa de Extensão da Universidade de Sorocaba (UNISO), orientado pelo professor Marcos Antônio dos Santos Reigota e pela professora Yoko Oshima Franco.

I Encontro, 10 de agosto de 2013

O primeiro encontro desenhou o curso, as ocorrências relatadas a seguir indicavam a estética que se concretiza em seu desdobramento, mesmo que ninguém imaginasse de fato como ele seria.

Uma das diretrizes relacionadas durante os encontros realizados para organização do curso com o Coordenador do Projeto Reletran era que o curso não precisaria ser estruturado tradicionalmente. Nesse primeiro momento, desacostumado, tive a sensação de estar em um curso desorganizado, confuso, sem muita validade acadêmica, pensei que essa também era a sensação dos alunos.

Na primeira atividade o professor Marcos Reigota apresentou o curso aos alunos. Apresentou a proposta de criarmos juntos um curso diferente. Esta proporcionou a expectativa de uma experiência nova, de um resultado novo, mas também gerou insegurança, tirando os indivíduos de sua “zona de conforto”. As orientações sobre o Trabalho final, requisito essencial para certificação dos alunos no final do curso, contribuiu com isso. Não houve a determinação de um formato, nem um tema, nem normas de formatação ou um suporte definido (papel, DVD, Pendrive...).

Seguimos para a primeira atividade: **Apresentação do grupo “Ponto de Luz”** de Salto de Pirapora dirigida pela professora Carmem Machado (UNISO).

Não sabíamos sobre o cronograma. Essa atividade despertou a curiosidade. A apresentação do grupo de dança afetou os envolvidos. Muitos, emocionados, não contiveram as lágrimas. A apresentação é



resultado de um projeto criado e desenvolvido pela professora Carmem Machado que acabara de receber o Prêmio Educador Nota 10 - Fundação Victor Civita.

Observe a descrição da premiação divulgada no site do jornal Cruzeiro do Sul:

“O projeto virou um espetáculo de dança com apresentações em escolas, universidades e na Câmara Municipal daquela cidade. E por causa do seu teor educacional inovador foi selecionado entre 3 mil projetos inscritos para receber o Prêmio Vitor Civita Educador Nota 10, o mais importante prêmio voltado a Educação na América Latina”¹

O projeto desenvolveu-se na Escola Estadual Benedito Leme Vieira Neto na cidade de Salto de Pirapora, interior de

1.- Disponível em < <http://www.cruzeirodosul.inf.br/materia/496444/projeto-recebe-premio-educador-nota-10>> no dia 11 de dezembro de 2013 às 08 horas e 30 minutos.





Fuente: Imagen proporcionada por el autor.

São Paulo. A princípio a ideia surgiu como uma tentativa de reutilizar o ambiente disponível e aos poucos foi ganhando corpo, embalado pela capacidade da professora Carmem Machado e pela curiosidade de seus alunos instigados. A coreografia, construída com uma série de brincadeiras da infância, emociona ao tocar na ingenuidade das crianças adultas presentes. Num determinado momento as artistas aproximam-se da plateia em posse de fotos pessoais e assaltam-na com a abertura de sua intimidade, descrevendo verbalmente o momento representado na imagem. Criou-se afeto instantaneamente. A apresentação saciou a insegurança inicial.

Após o almoço iniciamos uma roda de conversa com Carmem Machado que respondeu às perguntas e principalmente agradeceu aos elogios, que não foram poucos.

Tive a sensação de que alguns queriam devorá-la (eu principalmente) com a intenção de absorver aquela sensação vivenciada durante a apresentação.

Na segunda roda de conversa participaram: Maria Cecilia Focesi Pelicioni (Universidade de São Paulo), Marcos Vieira Garcia (Universidade Federal de São Carlos), Raquel Barros (Lua Nova), Maclovio Correia Silva (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) e Adriana Rosmarinho Caldeira de Oliveira (Universidad de Sorocaba/Universidade Federal de São Carlos) que explanaram sobre suas atividades. Esse momento repleto de Profissionais ricos em experiência, alguns consagrados em Sorocaba, contrastou intensamente com a sensação de desorganização.

Terminei esse dia com a sensação de que muitas coisas boas iriam acontecer e que, talvez por isso, encontros quinzenais eram demasiados distantes.

II Encontro – 24 de Agosto de 2013

Estava um pouco afoito, nunca havia participado de um projeto assim, já haviam me passado algumas responsabilidades e eu estava receoso de errar e comprometer o andamento do curso.

Logo na chegada percebi o número reduzido de participantes. Eu estava encarregado de difundir as informações referentes aos locais de encontro, horário, datas e outras mais desse gênero, e cometi uma falha... Havia pesquisado o endereço no site de pesquisa “google maps” e o número referente ao lote no qual o curso seria realizado que apareceu na foto deste site estava desatualizado, logo os participantes começaram a me ligar pedindo por orientação. Fiquei chateado, mas a Letícia Firmino e Raquel Barros da equipe Lua Nova, as professoras da UNISO, Marta Catunda e Adriana Teixeira Lima com sua postura tranquila me acalmaram.



Raquel Barros, Psicóloga, membro idealizadora da ONG Lua Nova, acabara de realizar uma cirurgia no maxilar e estava debilitada, mas conseguiu transmitir todo o conteúdo. Os participantes foram seduzidos pela metodologia apresentada. O “hot point” foi a apresentação da metodologia de intervenção em indivíduos em situação de vulnerabilidade que focava na rede subjetiva de apoio e não o sintoma aparente (uso de drogas, marginalização, situação de rua, etc.). Essa ideia afetou os participantes, gerou reflexão, energizou a dinâmica do ambiente. A sensação era de que havíamos tido um *insight* coletivo. Posteriormente, alterou minha maneira de enxergar e administrar a minha rede social.

O local da palestra foi no Centro Esportivo de Brigadeiro Tobias, um bairro periférico da cidade de Sorocaba, ponto de venda e consumo de drogas, um local onde muitas pessoas passavam o dia, local de intervenção da Lua Nova. Eu participei como voluntário alguns dias no consultório de rua que era realizado ali as segundas feiras. Tinha interesse particular em aprender com eles, trabalho há três anos com tratamento involuntário de dependentes químicos e essa abordagem alternativa disparou em mim muita reflexão sobre as metodologias de tratamento. A visão de respeito à cidadania desses indivíduos é a marca que eu carrego das pessoas que trabalham na Lua Nova, principalmente de Leticia Firmino (psicóloga, atuante no consultório de rua) e Danilo Gomes (psicólogo e coordenador nas atividades do consultório de rua).

III Terceiro Encontro – Sábado, 14 de setembro de 2013

Mudou minha direção. Talvez essa seja a descrição mais sincera e exata que eu poderia dar a respeito da minha experiência nesse encontro.

2.- Disponível em < <http://www.viveirodeprojetos.com.br/sobre-nos/> > Acesso em: 16 de dezembro de 2013 às 08 horas.

“Somos um grupo de pessoas reunidos na cidade de Sorocaba/SP que tem como objetivo desenvolver projetos sustentáveis. Buscamos através do conhecimento e aplicação de técnicas como: permacultura, bio-construção, cooperação, arte, dragon dreaming, agro-florestas, bio-psicologia, desenvolver um modelo de comunidade sustentável (RBE) e que promova o bem-estar para o máximo de pessoas possíveis.”²

Havíamos realizado uma visita preliminar ao Viveiro de Projetos para acertar os detalhes do encontro e, após conhecer Marcel Frezza e Ellen Francisco, participantes do projeto “Viveiro de Projetos”, descrevi a visita no *Facebook* do grupo Reletran e Sorocaba

“...O lugar é bem legal, as pessoas mais ainda, o tipo de trabalho desenvolvido é muito interessante e a dinâmica em que os trabalhos em equipe acontecem é peculiar, existe um clima de honestidade, objetividade e criatividade bem incomum. Essa foi a minha impressão...”

Essa visita preliminar me instaurou expectativa.

Para tentar transmitir a importância desse encontro, vou explanar brevemente sobre minha história: fui um dependente de crack. Aos dezenove anos sofri uma internação involuntária. Estou sem usar drogas há quatro anos. Desde que entrei em recuperação, ou seja, desde que estou abstinente de drogas, vivo buscando uma nova maneira de viver, de aproveitar, de honrar o coração que bate em meu peito, de preservá-lo, de respeitá-lo, de compactuar com a vida, a minha e as outras. Essa condição me impulsiona a estar em constante modificação, me aprimorando. Mas as limitações que a vida me impõe, as responsabilidades financeiras principalmente, parecem que me conduzem para longe do gozo da preciosidade da vida. Essas “coisas” da minha vida me arrastavam para uma rotina que não permitia a sua apreciação. A única coisa permitida era desenvolver-se financeiramente, trabalhar, estudar, manter-se, em uma marcha cinzenta de concreto, sem cheiros e sabores para o inevitável fim. Já percebia que precisava, urgentemente sair da marcha, mas



me faltavam recursos, potência. Havia inclusive iniciado aulas de Yoga que, a cada prática, me aguçava os sentidos e a perturbação, proporcionando dessa forma uma percepção diferenciada, mesmo que singela ainda, das essências, não mais a cores enxergadas por outros olhos, mas finalmente pelos meus. E foi nessa condição que fui exposto ao terceiro encontro do curso experimental.

Por volta das nove horas da manhã chegamos no Viveiro de Projetos, diferentemente do segundo encontro, no qual houveram dificuldades em localizar o local, marcamos um ponto de encontro e fomos todos juntos, não houveram atrasos nem “perdas”. Não participei da atividade de abertura, pelo que vi depois nas fotos foi um breve **alongamento** na sombra de uma grande árvore sentados na grama. A proposta desde o início era entrar em contato com o ambiente e este era uma chácara onde o projeto “Viveiro de Projetos” é desenvolvido. Nesse momento me sentia desconfortável, reconheço ter uma autoestima pior do que gostaria e por estar em um ambiente novo, com pessoas novas, um tanto quanto acanhado. Aproveitei um momento de distração afastei-me do grupo, fui preparar o café da manhã sozinho, relaxar.

Após o café, iniciamos a segunda atividade: “**Sentir-produzir**”, de Carmem Machado. Ela rapidamente me passou a câmera, pediu que eu tirasse fotos para registro. Fiquei um pouco aflito, com medo de errar, mas como me deixaram à vontade, esqueci que olhariam as fotos depois e comecei a fotografar aquilo que achei que devia. A máquina fotográfica era muito boa, comecei a tirar várias fotos, a atividade devia ser desenvolvida em silêncio e assim eu fiquei, caminhando, observando, ouvindo o vento nas árvores, os pássaros, fotografando, tomei consciência das cores, cheiros e sons proporcionados pelo ambiente e captados pelos meus órgãos sensoriais. Não entreguei mais a máquina até o final do encontro.

A segunda atividade “**OuvirVoar**”, de Marta Catunda, foi a continuidade desse ambiente, o silêncio imperava e eu então percebi que não podia mais perder tempo, tinha que aproveitar, fotografar.

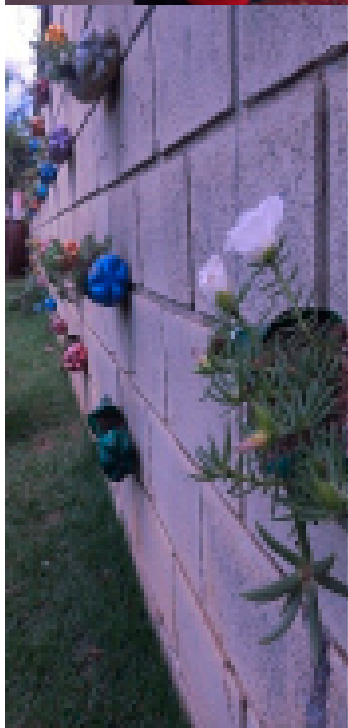
O almoço não foi menos interessante. Marcel Frezza estava comendo sentado debaixo de uma árvore e me chamou para sentar lá. Fiquei um pouco receoso, mas fui. Sentados comíamos, conversa tranquila, sem a presunção de chegar a lugar algum. Sentia uma alternância entre tranquilidade e ansiedade, presenciar algo assim não me era de costume, minhas conversas eram pontuais, objetivas. Aprendi a não abrir a boca sem uma finalidade e percebi que a muitos anos não sabia o que era jogar conversa fora, sentia tranquilidade quando a conversa fluía, sentia também ansiedade nessa situação incomum.

Continuando o cronograma de atividades iniciamos a roda de conversa com o tema “Dragon Dreaming”, conduzida por **Marcel Frezza**, uma ferramenta complexa que não poderia descrever detalhadamente, contenho-me em dizer que é uma ferramenta criada para desenhar projetos, respeitando algumas diretrizes, presentes nesse encontro, que espero estar transmitindo nessa narrativa.

Apresentação de Bruno Franques. Falou sobre o último Fórum Social e suas diretrizes na atualidade. Porém o que mais me afetou foi a postura dele com o filho que, durante a palestra realizada em meio à natureza, próximo a uma cachoeira, fez algumas pausas pontuais para dialogar com o filho de, suponho, uns 4 anos sobre a necessidade de esperar a palestra terminar para ter sua atenção, conforme haviam combinado posteriormente. Não sei se isso surpreende ao leitor, mas para mim foi uma grande demonstração de manejo adequado da realidade, eu não me atreveria a trazer meu filho se estivesse no lugar dele, uma demonstração de carinho e respeito de Bruno com o filho que jamais esqueci.

Como uma criança que está brincando euforicamente no parque eu me sentia entristecido com a chegada da hora de ir embora e, no primeiro convite, decidi ficar para fazer uma fogueira. O curso havia acabado e, se quisesse, podia ir embora. Marcel Frezza me chamou para ficar mais um pouco, junto com Ellen Francisco, Ariane Diniz, Marta Catunda e Adriana Teixeira Lima que também ficaram. Chamei minha esposa para conhecer o lugar e as





peças, mas ela não conseguiu chegar, se perdeu no caminho. Eu, com medo de incomodar, acabei indo embora também.

IV Encontro – Sábado, 28 de Setembro de 2013

Às oito horas encontrei os participantes no estacionamento da Uniso para formarmos um comboio. Chegamos no local: **Pastoral do menor** no Bairro conhecido como Habitetto, às nove.

O curso conta com colaboradores que participam de acordo com suas disponibilidades e neste encontro estiveram presentes as professoras da Uniso Soraya Diniz Rosa e Yoko Oshima Franco.

Raquel Barros (Lua Nova) iniciou sua palestra sobre como se aproximar de uma comunidade. Posteriormente, houve a formação de grupos que percorreram as ruas pré-determinadas por Raquel e, após um lanche coletivo, fomos a campo com a proposta de entrevistar alguns moradores, visando conhecer o bairro. A execução das orientações forneceu uma série de dados que foram analisadas posteriormente, deixando bem claro a facilidade em conseguir informações e a importância de obtê-las para prestar um serviço adequado à comunidade. Nesse momento pudemos observar algumas intervenções inadequadas

que aconteceram no Habitetto, como um parque infantil que foi depredado. Essa intervenção do passado não levou em consideração nenhuma característica daquela comunidade, simplesmente chegou com uma proposta que, fatalmente, falhou. Esse estudo evidenciou a necessidade de intervenções mais específicas. De bairro para outro existe um mundo de diferenças e elaborar uma estratégia para a uma cidade é demasiado globalizada e, provavelmente, irá tornar-se ineficiente. Intervenções com esse nível de detalhamento não implicam em aumento de custos, as intervenções específicas são pontuais e eficientes, amenizam as dificuldades dessa comunidade e evitam o desperdício de recursos públicos.

Outro exercício proposto foi: Interagir com duas moradoras do bairro procurando líderes comunitários, formadores de opiniões, visando à formação da rede subjetiva da equipe de intervenção, ou seja, criar uma rede de relacionamento com a comunidade. Os grupos foram novamente divididos e então voltamos a campo sob a tutela dessas moradoras que se encarregaram de nos apresentar aos integrantes da comunidade. De forma prática essa atividade colocou-nos em contato com a comunidade, em um bairro que tem suas particularidades e muitas vulnerabilidades (sociais, culturais, violência, uso de drogas, pontos de tráfico, etc.).

V – Encontro, Sábado 19 de outubro de 2013

Esse encontro foi realizado no Centro Educacional Infantil 78 - Ettore Marangoni (CEI 78). O Centro Educacional recebeu este nome em homenagem ao pintor Ettore Marangoni (1907-1992). Nascido na Suíça, em Baar, Cantão de Zug, chegou ao Brasil aos 8 anos de idade, aqui fazendo

Fuente: Imagen proporcionada por el autor.



os seus cursos de educação e aqui formando a sua personalidade. Em Votorantim, cidade vizinha de Sorocaba, onde passou a residir. Aos 12 anos já pintava pequenos quadros.

O seu quadro mais conhecido é “Fundação de Sorocaba”. Além das esculturas, não menos apreciadas, Ettore Marangoni, com seu estilo acadêmico e impressionista é pai de uma preciosa galeria de magníficas obras que retratam com fidelidade vários momentos históricos relacionados não só ao desenvolvimento do interior de São Paulo, mas também a história dos tropeiros que arriscaram suas vidas explorando e descobrindo o Brasil.

Também nesse encontro realizei uma visita preliminar. Kátia Regina Pereira, diretora do Centro Educacional Infantil 78 - Ettore Marangoni, me recebeu com um sorriso no rosto e muita boa vontade. Apresentou-me toda a estrutura, falou sobre os trabalhos, as salas, os funcionários e tudo mais que compunha o lugar. Fiquei surpreso ao perceber que a escola não tinha nada em comum com a minha imagem pré-concebida dela. O e-mail enviado para Marcos Reigota e Yoko Franco descrevia a visita da seguinte forma:

“Boa tarde

Acabei de chegar da escola onde a Kátia é diretora e me senti frustrado. Não com a visita, mas pelo valor que pago em uma escola particular que não faz metade do que elas fazem lá!

O lugar é um sonho, elas desenvolvem vários projetos com arte, leitura, envolvem os pais, a comunidade, tem até trabalho com alcoolistas. A instituição trabalha em parceria com uma Unidade Básica de Saúde (UBS) vizinha, desenvolvem projetos juntos, dividem os espaços físicos, um exemplo de cooperação entre dispositivos públicos.

Isso sem falar da Kátia que me recebeu muito bem, me apresentou toda a escola, me falou de todos os projetos e, demonstrou um grande interesse em nos receber...”

No dia do encontro fomos recebidos com um café da manhã repleto de pães, sucos e frutas, pudemos nos confraternizar. Iniciamos as atividades com uma **apresentação artística** dos alunos da escola sobre a vida de Vinicius de Moraes, estavam comemorando o centenário do escritor. A presença dos pais foi exemplo da participação da comunidade na escola.

Posteriormente à apresentação, um grupo de alcoolistas do bairro, que estão em atendimento na Unidade Básica de Saúde, apresentaram-se cantando uma música. Em parceria, as duas instituições, atendem a essa população. Um caso de trabalho integrado entre dispositivos públicos que vem dando certo no Bairro Vila Sabiá, refletindo uma tendência na mudança no sistema de funcionamento dos dispositivos públicos: do funcionamento isolado ao compartilhamento das responsabilidades e cooperação.

Dando sequência ao encontro Kátia e duas professoras da creche palestraram sobre a história da Creche Sabiá, explanando sobre as dificuldades, projetos e sucessos experimentados na tentativa de criar um dispositivo comunitário funcional.

Depois do almoço Kátia, assistida pelas professoras, **Apresentou toda a creche e algumas atividades que desenvolvia.** O que ficou evidente foi o comprometimento da equipe em solucionar problemas inovando ou fazendo funcionar algumas práticas já conhecidas. Kátia chegou a comentar *“aquelas que não gostam de trabalhar pedem transferência rapidinho, aqui todas trabalham muito”*

O resultado de uma ótima gestão fez da escola CEI 78 Ettore Marangoni um lugar funcional. Tínhamos que tomar cuidado para não tropeçar na criatividade e lembrar de respirar, de vez em quando.

VI – Encontro – Sábado 09 de No-



vembro de 2013

Este encontro foi realizado na Floresta Nacional de Ipanema

Criada no dia 20 de maio de 1992 pelo decreto federal nº 530, a Floresta Nacional de Ipanema é uma unidade de conservação federal, administrada pelo instituto Chico Mendes de conservação da biodiversidade - ICMBio, do ministério do meio ambiente.

Localizada a 120 km da cidade de São Paulo e abrangendo parte dos municípios de Iperó, Araçoiaba da serra e Capela do Alto, sua criação inseriu-se no contexto da conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e o desenvolvimento, a Eco-92 e seu aniversário de 20 anos coincide com a conferência Rio+20. A missão da flona de Ipanema é proteger, conservar e restaurar os remanescentes de vegetação nativa do domínio de mata atlântica, especialmente o morro Araçoiaba, e seus ambientes associados, seus atributos naturais, históricos e culturais, promover o manejo florestal, o uso público e ser referência em integração socioambiental, pesquisa e disseminação de conhecimentos.³

A professora Adriana Teixeira Lima desenvolve trabalhos artísticos na área de preservação da **Floresta Nacional do Ipanema (Flona), administrada pelo Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio)** e organizou além do encontro formal do curso experimental com instalações para atividades uma palestra com Alexandre Cordeiro, chefe da unidade, e tudo mais que se fez necessário, uma visita prolongada para aqueles que demonstram interesse. Dispôs para os alunos um pernoite na Flona com a proposta de estreitar nossos vínculos, realizar uma trilha e

observar o nascer do sol de uma localização panorâmica.

Pela manhã chegamos a reserva e fomos **recebidos pelo chefe da unidade Alexandre Cordeiro**. Ele palestrou para os participantes e abordou temas relacionados a Flona como: área de preservação, fauna, flona, pesquisas, geografia, legislação, responsabilidade social, etc. Após a palestra fomos comemorar e comer bolo, era o aniversário dele. Seus conhecimentos não se contiveram à gestão ambiental. Falamos sobre dieta, viagens, artes, etc.

Seguimos para o Centro de Visitantes, tomamos café da manhã, fomos conhecer nossos alojamentos e organizar nossas malas. O alojamento era por si só uma atração turística, o local onde fiquei hospedado, “casa do pesquisador”, é tombada pelo Patrimônio Histórico e data de 1800.

Participamos de todas as atividades propostas, que aparentemente tinham a intenção de nos colocar em contato de uma forma mais profunda sobre o ambiente em que estávamos inseridos. A videoteca e o documentário de Walter Salles chamado “O poeta dos Vestígios” sobre o artista Frans Krajcberg, a apresentação do chefe da unidade, o ateliê, a dança, todas as atividades me inspiraram a perceber o ambiente de formas diferenciadas.

Após todas essas atividades de inserção pudemos interagir com a natureza e não somente contemplá-la, pudemos senti-la, fazer parte. Toda essa experiência pareceu-me ser uma preparação para o nascer do sol que, apesar de não estar incluído parte no cronograma do curso teve grande participação dos alunos e colaboradores. No dia posterior a esse encontro viajei a São Paulo para participar do Primeiro Simpósio Internacional sobre álcool e no caminho de Sorocaba a São Paulo, percebi que a paisagem não era mais a mesma, por isso publiquei em minha página no facebook:

“... e o sol deixou de ser paisagem, passou a ser um companheiro de viagem...”

Frases ecoando:

“O desenvolvimento que destrói não é progresso é

3.- Disponível em < <http://www.icmbio.gov.br/flonaipanema/> > Acesso às 21 horas e 36 minutos, do dia 16 de agosto de 2014.



regressão”

Frans Krajcberg

“...Fomos nós que aprovamos a lei de exploração das florestas... através de nossos representantes...”

Alexandre Cordeiro

VII – Encontro, Sábado 29 de Novembro de 2013

Já era sexta feira e os palestrantes programados ainda não haviam confirmado a presença, um feriado na quarta-feira da semana que antecedeu o encontro prejudicou o andamento normal na organização. Estava pensando em cancelar, em adiar o encontro, mas Ariane Diniz achou melhor dar continuidade, disse que estava tudo bem e que seria melhor continuar com as datas programadas. Posteriormente descobrimos que havíamos confundido o conteúdo e os participantes do sétimo com o oitavo encontro.

No dia do encontro Ariane Diniz, Adriana Teixeira Lima, Marta Catunda e Carmem Machado conduziram a primeira **roda de conversa** sobre o tema Ética no Trabalho Comunitário. O tema rendeu um debate de três horas, seguido de pausa para um lanche comunitário (modalidade adotada para quando não havia facilidade para almoçar nas proximidades, na qual cada participante trazia algum alimento, suco, etc.), enquanto o debate acontecia eu preparei uma apresentação de slides com as fotos de todos os encontros para a segunda atividade.

Na segunda fizemos uma **retrospectiva** do curso até o momento. Não fazia ideia da quantidade de atividades que havíamos desenvolvidos juntos. Nesse momento

algumas pessoas choraram, outras fizeram discursos emocionados (eu por exemplo), deixando claro a afetação que as atividades haviam provocado nos membros do grupo. Essa atividade proporcionou uma oportunidade para os alunos exporem aquilo que vivenciaram durante o curso.

A terceira atividade foi destinada a **estruturação dos grupos** para o trabalho final. Ariane Diniz coordenou esta atividade que consistiu em formar grupos de trabalho e, posteriormente, definir os temas.

VIII – Encontro, Sábado 14 de dezembro de 2013

Inaugurada em abril de 1994, a Oficina leva o nome do ator cômico Grande Otelo (Sebastião Bernardes de Souza Prata), famoso pela parceria com Oscarito na época de ouro das chanchadas.

Instalada no antigo prédio do Fórum Municipal, a unidade conta com ateliês, salas Multimeios, sala de dança, laboratório fotográfico, espaço para exposições, camarins e auditório.

Em poucos anos, a Oficina Grande Otelo transformou-se em referência fundamental para a cultura de Sorocaba e região, alguns de seus projetos especiais, como festivais Curta Teatro e Curta Dança, ganharam uma dimensão nacional. Sua programação é diversificada e contempla todas as faixas etárias.⁴

Esse encontro começou um pouco mais tarde do que de costume, o horário estipulado para chegada foi às dez horas de manhã, com a perspectiva de iniciar o espetáculo de dança as onze horas. Chegamos com calma, sem pressa. Senti uma sensação de tranquilidade, último encontro do ano, manhã de sábado. Já estamos no final de 2013, o clima ameno influenciou o ambiente.

4.- onível em < http://www.vivacidade.com.br/gv_pontos_turisticos_interno.php?id_turistico=35> Acesso às 21 horas e 19 minutos, 16 de agosto de 2014.



Aos poucos fomos nos organizando, pudemos matar as saudades, nesse encontro um grande número de participantes envolvidos estava presente e podemos dessa forma fazer um resumo do curso, sobre como nossas expectativas foram se concretizando ou não...

O encontro iniciara com uma **apresentação de dança**, composta por uma psicóloga e quatro cuidadoras da casa de acolhimento “Novo Mundo”, os demais atores eram pacientes do centro de acolhimento, deficiente físico e/ou intelectuais. A apresentação foi, definitivamente, algo estranho, esses personagens inseridos num contexto artístico provocaram-me incomodo, insegurança, reflexão. Lembrei-me do Movimento Antimanicomial dos conselhos de psicologia (CRP, CFP) com os quais tive contato, lembrei da diferenciação entre as “loucuras” socialmente aceitas e as “loucuras” patológicas, excluídas, segregadas. Tentei imaginar esses indivíduos inseridos no cotidiano, se relacionando com outros indivíduos e pensei: Qual seria o nível de autonomia? Qual seria a capacidade de ação?

Após a apresentação de danças fomos almoçar em um restaurante no centro da cidade de Sorocaba.

A segunda atividade foi desenvolvida no prédio da FEFISO (Faculdade de Educação Física de Sorocaba) na rua da Penha, 680. Fomos recebidos pelo Diretor da FEFISO Maurício Massari.

Na **roda de conversa** estavam presentes: Maurício Massari, que falou sobre a história mundial e nacional da Instituição (Associação Cristã de Moços), Fábio Arthuro (Novo tempo) explanou sobre o desenvolvimento do grupo de dança e respondeu às perguntas dos alunos, Karina Pavão (Unesp Botucatu) discursou sobre o trabalho com alunos do curso de medicina e do “engessamento” das disciplinas universitárias e o professor Marcos Reigota coordenando a roda de conversa e posteriormente encerrando os encontros de 2013.

O Reletran e eu

Ao ingressar nesse projeto eu procurava uma bolsa de estudos e uma atividade acadêmica para acrescentar em meu currículo. Os professores do curso de Psicologia incentivavam a participação dos alunos em atividades científicas e de extensão, principalmente a professora e coordenadora do curso Eliete Jussara Nogueira e a professora Ana Laura Schliemann. Comecei então a questioná-las sobre as possibilidades e lembrá-las, frequentemente, sobre meu interesse. Estava ingressando na graduação e queria desenvolver todas as atividades possíveis. Trabalho com o tratamento da dependência química e por isso fui direcionado pela professora Ana Laura para conversar com Yoko Oshima Franco, também professora da Universidade de Sorocaba, pois esta desenvolvia um projeto que tinha como tema a dependência química. Yoko me recebeu muito bem. Me indicou para o projeto Reletran, que não era o projeto sobre dependência química, mas era internacional, coordenado por Marcos Antônio dos Santos Reigota, onde, segundo Yoko, eu teria uma ótima vivência e seria muito bem vindo, visto que o projeto estava começando.

Com o desenvolvimento do projeto pude entrar em contato com muitas pessoas ativistas, que desenvolvem a sociedade, mais especificamente, a cidadania, os direitos humanos, a educação. Esse contato direto retirou-me do posto de espectador, especulador. Em uma perspectiva apresentada por Bruno Franques em sua palestra, as ações sociais deixam de precisar aplicar um “golpe de estado” para fazerem a diferença e começam a agir localmente, modificando o contexto. A ação se tornou mais provável, as ideias tornaram-se parte da realidade onde não há necessidade de se esperar um ambiente perfeito, um momento especial. A oportunidade de agir foi começando a espreitar minha consciência.

O curso foi elaborado sem uma estrutura definida, para que as condições apresentadas em sua ocorrência direcionassem-no com mais facilidade. Essa postura lembrou-me do conceito – *vir a ser* – de Nietzsche, presente em sua obra “*O crepúsculo dos ídolos*” de 1888. Ele questiona, no capítulo “A razão na Filosofia”, a ideia do ser. Reflete que aceitar o ser impõe que algo existe a partir do nada e que está terminado, estático, simplesmente é, jamais torna-se. Nietzsche considera esse conceito irreal, patológico, uma ideia,





Fuente: Imagen proporcionada por el autor.

evidentemente, doente, impotente. Os pensamentos de Nietzsche alteraram o destino da humanidade, Sigmund Freud e, mais atualmente, Michael Foucault. Influencia também nosso curso. Ele não é, ele acontece e só se pode saber da extensão de seus resultados depois que eles acontecem (poderia ser diferente?). As possibilidades são infinitas. Assim como o ser humano, assim como a realidade. Estar pronto para agir no presente, da forma na qual ele se apresenta, possivelmente, é o meu mais importante aprendizado durante o curso.

Todo esse projeto foi descrito de acordo com a minha perspectiva e pode surpreender um leitor desabitado, acostumado com a “objetividade” dos trabalhos acadêmicos. Esse estilo de escrita foi também influenciado pela proposta do Reletran, discutida no parágrafo anterior, mais nitidamente, pelo professor Marcos Antônio dos Santos Reigota, que pediu-me que descrevesse as minhas experiências, quando opinou sobre a elaboração do meu relatório parcial exigido pelo Programa de Bolsa de Extensão. Pude entender mais completamente a im-

portância dessa forma de escrita após a leitura do livro “A aventura de Contar-se”⁵ de Margareth Rago. A autora apresenta em seu livro a proposta de “escrita subjetiva” como um forte indicador da realidade. Seguindo também os pensamentos de Nietzsche e Foucault, ela argumenta que acreditar na objetividade é um grande erro, que essa ideia é alheia a condição humana. O “vir a ser” é, dessa forma, transmitido também na escrita. Não se apresenta como uma imagem definitiva do objeto, mas como uma perspectiva apresentada por seu narrador, a única que este poderia transmitir. A “escrita de si” foi para mim “jogar-se no papel”, como um pote de tinta atirado na parede, inevitavelmente, alastrado. Um processo prazeroso de expansão e autoconhecimento.

A importância desse curso para os alunos, para os organizadores e para a sociedade, principalmente para Sorocaba, torna-se, por tudo dito, difícil descrever. Os reflexos dessas ações são indetermináveis. Alguns podem ser observados durante o desenvolvimento do relatório. O Projeto Reletran/ Sorocaba, por tudo apresentado, caracteriza-se como uma oportunidade de troca e crescimento.

5.- RAGO, Margareth. A AVENTURA DE CONTAR-SE. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

